

ORPHEON ACADEMICO DE COIMBRA

Coimbra parece ter despertado para a sua epoca, n'um bocejo preguiçoso que brusca-mente se transmuda em attitudes promettedoras de admiração e anciedade. Desperta d'um longo somno de seculos — e os seus habitos inveterados na convivencia de frades e sonhadores, breve se dissolvem, agitados pelos fecundantes estímulos do presente. Já se não contenta com o goso platonico das magnificencias com que a Natureza, em prodigalidades



1—Antonio Joyce, segundanista de direito, organizador do Orpheon academico — (Rêchê do PHOT. RAPHAEL TIMOCO) 2—Antonio Joyce (Caricatura do quintanista de direito JOÃO BRITO)

de rainha opulenta e dadivosa, bordou e coloriu as suas perspectivas, o solo de que ella emerge cingida em amoroso abraço de verdura. Coimbra, na hora actual, aspira a reunir aos encantos da belleza natural, a belleza e a utilidade que o homem realiza n'uma sêde insaciavel de commodidade, de perfeição, imprimindo-lhes os mais diversos e surprehendedentes aspectos. E assim, ella que era radicalmente medieval no espirito, nas tradições, na disposição geral das suas ruas sinuosas e estreitas, na estrutura externa dos seus predios acanhados; ella que se estendia amodorrada á sombra da Universidade, na despreocupação das necessidades que originam o esforço, a actividade, a independência, começa a desintegrar-se d'esse espirito e d'essas tradições, a abrir as suas ruas á visita franca e carinhosa do ar e do sol, emancipando-se do longo entorpecimento de seculos. De maneira que a Coimbra de hoje — a Coimbra extra-academica — quasi nem affinidades conserva, já não digo com a cidade das cavalgadas luzidas de fidalgos e conegos de Santa Cruz, nos dias festivos de *actos grandes*, mas com a sombria cidade dos nossos paes. Claro — convem repetil-o, para tranquillidade dos vates retardatarios que aspiram pela benção *bachareante* de Minerva — é só a cidade de hoje, a *urbs* que mal conserva diluidas affinidades com a cidade de hontem. A quinta das Lagrimas, a quinta das Cannas, a vegetação opulenta do

Choupal, nada perderam da belleza eternecida e nostalgica que afina-





1—Grupo de ensaiadores do Orpheon
(Clichê do academico ANTAS DE BARROS)
2—J. Valerio, quartanista de direito (Caricatura
de LUIZ FILIPPE)



ram e desafinaram as lyras do romantismo. O Mondego é um amoroso incorrigível, sempre em confidencias secretas, sob a carícia das ramagens que lhe enrugam a superfície em crispações nervosas e sensuaes. E as tricanas, meus melancolicos vates impenitentes, apesar do sapato e do espartilho, mantem-se como vós fieis ao culto da tradição. Nem sequer engeitaram o uso do lenço claro, em fôrma de *bibco*, como não deixaram de sorrir, candidamente, às seducções d'uma cabelleira bem composta. E que sorriso, meus amigos, se nos deos que riscam e acamam a cabelleira, palpita, insidiosa e febril, a chamma intermitente de diamantes!

Coimbra asseia-se, illumina-se, alarga-se em arruamentos modernos e vistosos, aproveita as demasias do solo na abertura de amplos jardins — refugios consoladores, na tranquillidade benigna e resignada dos vegetaes, da agitação impacientemente egoista da vida urbana.

E' certo que não conseguí ainda desligar-se, por completo, do seu velho arrimo — a Universidade. Mas não é no breve decorrer d'um dia que se perde um habito commodo de iongos annos. E já não representam pouco os intuitos nobilitadores de se dispensar do arrimo como elemento principal de equilibrio economico. Traduzem bem esse intuito as suas fabricas, as suas escolas industriaes, as suas officinas modelares, o desenvolvimento que pretende insuflar ao seu commercio. E é ainda na

sua ancia de reabilitação que ella se entrega confiadamente ao cultivo do movimento associativo.

Como impressivo contraste, a Academia, que foi a combustão sempre viva da idéa nova, a aspiração moderna em permanente effervescencia, que symbolizava a força na solidariedade, dissocia-se, divorciada do espirito pratico que, n'uma epoca de lucta intensiva, aconselha a união aos individuos e ás collectividades. E' verdade que uma parte da Academia tem os seus centros politicos, hoje, mais do que nunca, devidamente organisados. Os centros politicos, porém, exprimem o facciosismo, o interesse partidario, o conflicto de ideaes, e por isso a ultima prova, a mais decisiva, d'aquella dissolução. E então a politica academica de agora, filha da ultima grêve, tem as feições contrahidas no mais duro vinco de rivalidade, de intransigencia. Eu admiro até como Minerva, longe do Olympo, e tão calma entre deuses e a cruz que lhe não dão affectos, — só pelo gozo espirital de ungir os seus eleitos — conserva a graça do seu gesto protector á rebeldia da Porta-Ferreá. Creio bem que se ella sentisse ainda, nas quebradas onde as uvas de Chypre aloiram, o rir lascivo das nimphas perseguidas por



Rodrigo Franco Affonso, quartanista de direito, ensaiador dos primeiros tenores (Clichê da PHOT. UNIÃO)

Jupiter, tinha resignado já o seu posto soberano n'um tacho negro de carneiro com batatas.

Todo este arremedo de prologo tem um fim unico — provar, mais uma vez, uma verdade provadissima. Não ha acção sem a correspondente reacção. N'este caso a reacção é o *Orpheon Academico*. Reacção imprevisita, sem intenções reservadas, estranhas á sua aspiração creadora, — o que de resto se verifica em quasi todas as reacções — mas que d'um momento para o outro liga no mesmo interesse creaturas que pouco antes se consideravam incompativeis. O *Orpheon Academico*, que o grande talento musical do segundanista de direito Antonio Joyce apresentou ao publico de Coimbra na noite do sarrau em beneficio dos sobreviventes do sul da Italia, ao seu alto significado artistico junta o da sua influencia salutar no nosso meio.

E' um reconstituente efficacissimo trazendo á solidariedade, atravez da magia da arte, crenças, inclinações que o facciosismo ou a indifferença distanciavam.

O facto, considerado sob este aspecto mesmo, não é isolado. Por toda a parte onde os homens sentem a necessidade de se

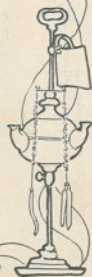
1—Grupo de ensaiadores (Chicê do academico ANTAS DE BARROS)

2—Veiga Simões, terciarista de direito (Caricatura de LUIZ FILIPPE)

acolher a uma commu-nhão affectiva e perduravel, se fundam associações com caracter estranho aos odios de seita ou de classe. As instituções coraes são um d'esses meios d'associação — em que o canto, a crystallisação do som em relevos rhythmicos e coloridos de harmonia, embebe as almas de sonho, furtando-as aos embates de interesses odiosos.

Um intuito se e-lhante — a necessidade de afugentar das almas influencias malignas — obrigava os agourentos discipulos de Pythagoras a entoar cantos, em côro, á hora do repouso e do começo dos seus trabalhos. O que vem demonstrar-nos que o *Orpheon* não é contemporaneo do «imperialismo» e muito menos da moda previdente que converteu em parede de relógio o jaspe cabelludo do pulso dos meus semelhantes masculinos.

E em face d'isto, podemos tambem concluir que o Joyce tanto pôde ser a metempsychose aperfeiçoada, e sem agoiros, dos discipulos de Pythagoras, como o d'aquelles pittorescos juizes gregos, que ao ar affavel das madrugadas, impregnado do halito fresco dos myrthos e das anemomas, agrupados, entoavam arias de *Phenicus* seguindo o caminho do Tribunal. E não será o Joyce, afinal — vinde em meu auxilio caprichosos manes da hypothese!



José de Sousa Ratto, ensaiador dos barytonos



Godofredo Monteiro, ensaiador dos baixos (Cliché da PHOT. LUZ E SOMERA)

—uma revivencia dos artistas que deram á Italia os *Laudisti* e a doçura dos seus canticos entoados, a horas mortas, nas ruas silenciosas? Nada mais natural do que a emigração d'um d'esses re-

motos artistas para o solo d'entre Tejo e Mondego; ou a sua passagem para o nos-

so meio atravez das transformações, no seio imponderavel do ar e da luz, mesmo no rubor virginal d'uma rosa trazida em tempos, amorosamente, de Genova ou Florença.—E o artista, n'uma nova fórma, e com alma de portuguez pela longa convivencia das seivas, das côres, dos murmurios, das anciedades da flora portugueza.

O problema fica apontado. Será assim? Não será? Aceito a duvida se me demonstrarem que nem os discipulos de Pythagoras, nem os juizes do paiz dos deuses, nem sequer os *Laudisti*, comprehendaram e interpretaram Wagner—quando é certo que o Joyce lhe consagra adoração que não égrega, nem italiana, e muito menos portugueza...

Mas enquanto o problema se não resolve, regressemos ao *Orpheon*. Devia ter começado por lhe fazer a historia, uma historia ponderosa cheia de nomes e de numeros. E falaria então dos judeus, contando a sua vida em psalmos que foram o embrião das sociedades coraes masculinas e christãs para a execucao da musica sacra. Evocaria os romanos, os gaulezes, os bretões nos seus velhos canticos coraes, no furor da guerra, ou no terror supersticioso dos deuses. E vista essa jornada por entre a poeira do passado, não esqueceria as *currunde*, na Allemanha, instituição d'onde brotou a confraria lyrica dos *Meis terraenger*, que inspiraram a Wagner uma das suas maiores obras. Desejava furtar-me, porém, ás confidencias da historia pelo receio de confrontos desagradaveis.

Custava-me que ella me apontasse Portugal, para que eu

o visse em face dos demais povos da Europa. Em todos elles —gregos, romanos, germanicos ou scandinavos—revelando-se, por instituições actuaes, ou por afirmações da palavra escripta, a existencia de sociedades coraes organisadas com precisão racionada e methodica.

Entre nós ella mal denuncia vestigios de musica coral. E os unicos que encontra definidos são os que deram aos frades o fio de comunicação com Deus —antes, e depois de Deus



Academico (caricatura do quartanista de direito J. VALERIO)

lhes conceder o fio de comunicação com as liberalidades da terra, tecido de substancias generosas e substanciosas. Ora a musica coral monastica, *vesperas* ou *matinas*, á semelhança do actual cantochão de resposnos func-

bres, são tão nacionaes como o somno e o bocejo. Onde

Godofredo Monteiro (Caricatura de J. VALERIO)

quer que haja homens, haverá somno e bocejos—como onde quer que haja frades, ou almas a recomendar á justiça infalivel dos catholicos, haverá *vesperas*, *matinas* e resposnos.

Apenas modernamente se revelam tentativas arrojadas para a educação do gosto portuguez, affeição-o á cultura da musica coral. D'essas tentativas, a do sr. João Arroyo representa uma manifestação d'arte e de esforço absolutamente superiores. O *orpheon* acade-





Grupo completo do Orpheano de Coimbra
(Cliché do photographo GABRIEL TINOCO)



Henrique da Rocha, quartanista de direito, ensaiador dos segundos tenores (Cliché do photographo TINOCO)

balhados em dias e mezes para serem o fugitivo encanto d'uma hora. O mesmo succedeu ao orpheon do centenário da *Sebenta*, orpheon humorístico, brilhantemente ensaiado pelo sr. dr. Luiz d'Albuquerque.

Ao faltar-lhes a energia, o amor isolado que lhes deram forma e realisação, essas tentativas, exuberantemente promettedoras, cahiram na cinza luminosa das recordações marcadas por um traço de talento.

Na Allemanha e na Franca. *Goethe e Beranger*, aquelle em alliança com o musico *Zeller*, este com *Wilhem*, fundam *orpheons* que se continuam, dando origem a novas e identicas sociedades. Mas na Allemanha como na França a obra musical dos dois grandes poetas encontra uma atmospher de natural e envolvente sympathia, um meio fertil preparado para a sua fecunda adaptação. Essa atmospher, esse meio, não os possuimos nós. E a sua falta é tão sensivel, que, quando o Antonio Joyce falou em organisar o *orpheon*, só se lhe depararam hesitações, descrenças, a duvida esmagadora que nos inutilisa para todas as iniciativas.

Afinal o Joyce venceu hesitações, descrenças, duvidas, quebrando-as sob a sua vontade disciplinada e forte. E creio bem que esta victoria iguala a de conseguir apresentar em publico, senhores de si como artistas preparados através d'uma longa educação, cento e cincoenta rapazes, que na sua maioria não distinguiam um dó bemo! d'um *fã* sustenido.

De maneira que o Orpheon academico constitue ainda, por um raro equilibrio de energia moral com um talento musical do mais accentuado relevo, além da reacção

mico do centenario de Camões authenticou um alto temperamento artistico, uma energia dominadora e milagrosa — mas não passou além dos limites das tentativas. Viveu durante o momento para que foi creado, á maneira de certos objectos de luxo, preciosos e raros, tra-

contra a fallencia da velha fraternidade academica, uma lição excellentemente apprehensivel para os fracos. Os fracos, revendo-se na obra de Antonio Joyce, tem de concluir que uma sã vontade, orientada pelo conhecimento exacto das coisas, consegue o que os Titans, a despeito de toda a sua mythologica força, não conseguiram — por não conhecerem



Isidoro Aranha, quintanista de direito, auctor e ensaiador da *Lagrima* (Cliché das Officinas photographicas)



Adelino Furtado, quintanista de direito (Caricatura de LUIZ FILIPPE)

o céo que pretendiam escalar.

O proprio *Orpheon*, só por si, é um seguro educador da vontade. Sendo um conjunto, obriga o individuo a re-

velar-se como individuo, independentemente dos outros. Cada um dos seus membros deve marcar uma actividade distincta, integrando-

O *Baccaro* cantando com o maximo sentimento (Caricatura de J. VALERIO)

se na harmonia do todo. E prepara assim a confiança no esforço proprio, cria o habito de vencer por esse esforço, tempera o estimulo da responsabilidade, do sentimento pessoal de não prejudicar o esforço alheio.

Nós quasi nem avaliámos as difficuldades de afinar pelas exigencias de tal educação temperamentos irdecisos como o nosso. Somos tudo pela affirmação labial.



J. VALERIO



Juramo-nos capazes de esfarelar Hy malaias. Mas ao abordarmos a afirmação concreta dos factos, succumbimos deante de vinte páginas escassas de lição...

Evidentemente—para attingir esse grau de consciencia na responsabilidade e uma correspondente confiança individual em creaturas tão pouco adextradas no exercicio da per-onalidade, o Antonio Joyce dispõe de recursos que parecem um paradoxo, se os confrontamos com a sua figura delicada e nervosa. E demais a mais elle começou por ensaiar um coral de *Bach*. O coral de *Bach* para afeiçoar espiritos estranhos aos segredos da musica, aos encantos da voz em conjunto! Foi acolhido com retrahimento, com antipathia — a maioria dos cooperadores do Joyce sentenciaram-no mesmo a um abandono immediato. Não se amoldava aos seus recursos d'arte e o publico recebel-o-hia com hostil indifference.

Os ensaios proseguem, porque Joyce não desiste de o in-

receu no palco. Elle era ainda uma incerteza, uma duvida. Além d'isso tinha dois mezes de ensaios, passando, no estreito espaço d'esses dois mezes, por vicissitudes que o haviam assignalado com uma desdenhosa interrogação. Mas o coral rompeu, atacado por cento e cincoenta vozes, n'um impeto firme e decidido. O publico estremece, vibrante na estranheza do abalo inesperado — e, como gotas d'agua que um sopro de vento sacudisse de ramos d'arvore, as duvidas, as incertezas fundem-se á chamma intensa do enthusiasmo subitamente despertado.

O *Orpheon* evocava a appareição do Christo pallido e ensanguentado. Mas a onda larga de som, lançada ao ambiente

como um grito de assombro, esbate-se, de repente, n'um murmuro, na voz sentida da piedade pelo sangue inutilmente vertido.

Esvoaça atravez das notas, recortadas com grave unção, o reflexo da dôr pranteada. E á medida que a dôr se resolve em arrependimento, a toada cresce, alonga-se, lentamente, até traduzir a amargura da contricção, attingindo a seguir o profundo clamor d'um grande remorso que se con-



- 1—Afinando as Vozes (Clichê do academico JOSÉ VASCO MASCARENHAS)
- 2—José de Sousa Basto, ensaiador dos barytonos
- 3—João de Brito, quintanista de direito (Caricatura de LUIZ FILIPPE)
- 4—Franco Affonso, quartanista de direito (Caricatura de JOÃO DE BRITO)

cluir no seu programma. E todos, os orpheonistas e depois o publico, manifestam dentro em pouco o seu enthusiasmo por essa bella criação d'um dos maiores cerebros musicaes da Allemanha. O coral de *Bach*, em breve assimilado pelo *Orpheon*, constituiu um dos grandes numeros do sarau.

Não esquece essa noite — como não esquece o momento em que o *Orpheon* appa-



fessa. Os accordes intensificam-se em tonalidades mais seguras, as modulações torturam-se, como refluindo a custo, estranguladas pela angustia. N'esse momento supremo e empolgante o admiravel trecho musical lembra o choro atormentado d'uma cachoeira que se despenha, em imprecações e rugidos. Os desenhos cruzam-se, vivos, accentuados—e prolongam-se por fim na largueza d'uma suspensão eloquentemente dominadora. A angustia, não podendo alcançar pela expressão toda a sua altura, como que procura fixar-se no espaço, indefinidamente. Mas vem logo o desfallecimento, o cansaço. E n'uma transição gradual as vozes esmorecem, amortecendo-se,



Terceiranista de direito
(Caricatura de LUIZ FILIPPE)

ca, dão-nos a impressão viva d'um movimento ondulatorio e rapido—e essa impressão obriga a plateia a acompanhar o movimento ondulatorio da musica.

O *Freichütz* é um novo titulo honorifico do Joyce e do *Orpheon*.

E como as boas impressões, uma vez gosadas, foram sempre a causa da insaciabilidade humana—já assim era nos dias paradisiacos d'Adão e Eva—o *Orpheon*, passando os limites do programma, teve de reproduzir-se em novas e desejadas impressões. Essas impressões foram o premio justo a um artista de raça—o quintanista de direito Isidoro Aranha—pela sua composição musical a *La-grima*.

No momento em que traço estas linhas, que não consegui envolver n'um pouco de calor do meu entusiasmo, o *Orpíeon* prepara-se para cantar uma grande rapsodia de canções portuguezas

chegando ao sussurro vago, remoto d'um côro triste que se perde ao longe.

Só então o Joyce deixa cair os braços nervosos, verga o busto vigoroso e franzino sob o delirio phrenetico dos applausos. Tinha vencido. Essa primeira prova o torgara-lhe um dominio indiscutivel sobre a com-

—echo suggestivo da alegria, da melancholia, do vago mysticismo, da graça caustica d'um povo que foi feliz sob a doçura misericordiosa d'um céu deliciosamente azul.

Está resolvido o problema—affirma um visinho aqui da esquerda, triumphantemente. E continua. —o Joyce não é oriundo da Grecia, nem da Italia sonhadora. A sua origem remota fui encontral-ana Germania das florestas e dos philosophos. Esmiuçá lhe bem os recantos da alma, a firmeza da energia moral—e concordará commigo. Nasceu em Portugal como uma amendoeira pôde nascer no Egypto. E foi a doçura d'este ambiente, impregnado do perfume das madresilvas, a indole branda da raça, em que erram vestigios de gregos e romanos, que lhe temperaram e latinisaram o caracter, a affabilidade do olhar e do sorrir...

Coimbra, 5-2-1900.
SOUSA COSTA.

Bourbon, quartanista de direito
(Caricatura de JOSE DE BRITO)



João Penilo/9



Aluisio de Vasconcellos, bacharel em theologia e quintanista de direito, thesoureiro do *Orpheon*

sciencia da platea que fremera, no arripio da mais funda commoção.

Passa logo a reger um trecho do *Freichütz*, de Weber, cortando assim a tensão em que mantivera os espiritos no coral de Bach—e a leveza graciosa da apologia da caça, traçada com a finura requintada d'um romantico, encontra já uma atmospherá de communicativa adhesão.

O côro detalha bem as phrases da delicada peça, desde o ruido da cavalgada em ginetes possantes, por entre as ramagens da floresta, seguindo matilhas e laçaios, até ao encarecimento exaltado dos prazeres da caça. Por vezes as notas, dispersas, sublinhadas com precisão germani-

